

## **CICLOS DE VIDAS E VIVÊNCIAS NO ENTORNO DO RIO FORMOSO: TRADICIONALISMO E MODERNIDADE**

**Maria das Graças Campolina Cunha Gama - Universidade Federal de Uberlândia**  
gracapira@yahoo.com.br

**Samuel do Carmo Lima - Universidade Federal de Uberlândia**  
samuel@ufu.br

### **1- CONSIDERAÇÕES INICIAIS:**

pergunto coisas ao buriti; e o que ele responde: é coragem minha. Buriti quer todo o azul, e não se aparta de sua água – carece de espelho. Mestre não é aquele que ensina, mas quem de repente aprende, Guimarães Rosa (1986, p. 270-1).

O tema deste trabalho relaciona-se às transformações ambientais, sociais e culturais ocorridos na Bacia Hidrográfica do Rio Formoso, afluente do Rio São Francisco, no município de Buritizeiro, Norte de Minas Gerais. O município apresenta vegetação típica de cerrado e abundância em recursos hídricos, principalmente veredas.

A ocupação do entorno da bacia pode ser dividida em três fases que se diferenciam pelos modos de vida e trabalho e pelas atividades desenvolvidas: a) a partir da primeira metade do século XX, por camponeses que viviam de atividades de subsistência: coleta de frutos, criação de animais, caça e agricultura familiar; b) na década de 1970, a população ribeirinha assistiu a chegada dos primeiros grupos empresariais de reflorestadoras e de carvoejamento que lá se estabeleceram com o amparo do Estado, através da adoção de políticas públicas de planejamento e de financiamento via SUDENE, Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste e; c) nesta fase, iniciada na década de 1990, assistiu-se ao início de um novo ciclo de desenvolvimento econômico associado a práticas capitalistas: a instalação de grupos agroindustriais de café e soja, originando extensas áreas de monocultura para exportação. O processo de desenvolvimento econômico do campo no município de Buritizeiro gerou a marginalização e expropriação dos camponeses e a utilização da natureza de forma predatória.

Para pesquisar e compreender as construções e transformações da dinâmica sócio-ambiental na bacia do rio Formoso, no cerrado, nas veredas e nos veredeiros, realizou-se uma breve discussão sobre o processo de modernização agrícola no país e em Minas Gerais e os fatores que determinaram a ocupação do cerrado mineiro, sobretudo do Norte de Minas. A terceira etapa enfocou as cenas e os cenários do entorno da Bacia do Rio Formoso, a partir das transformações ocorridas no tempo e no espaço pela introdução do modo de produção capitalista.

As análises realizadas neste trabalho têm como objetivo a reflexão sobre as várias categorias dos sujeitos sociais que estiveram e estão presentes no “universo Formoso” e os significados do Rio em suas vidas: o *lugar*, como signo; o *espaço*, como meio e o *território*, como objeto de domínio; versa sobre os modos de vida e trabalho das populações tradicionais e identifica as possibilidades de sustentabilidade do ambiente e do homem sertanejo.

## 2- A MODERNIZAÇÃO AGRÍCOLA BRASILEIRA

a modernização é um processo e uma ideologia. Como processo, a modernização traduz a inserção da agricultura na economia mundial constituída. Como ideologia, a modernização reflete o conteúdo político das formas de intervenção estatal na agricultura, Aguiar (1986, p.123).

A agricultura brasileira, até finais do século XIX, era desenvolvida através do trabalho escravo em grandes extensões de terras. A partir do início da segunda metade do século XX, teve início o desenvolvimento econômico do setor secundário, alavancado pelo capital acumulado pelos “barões do café” e pela abertura do mercado para as indústrias multinacionais.

A agricultura, que nas décadas anteriores era considerada a subsidiária do desenvolvimento industrial, passou a desempenhar um papel de apêndice do setor industrial, subordinado a ele. Na década de 1960, inicia-se a política de internalização da indústria e a instalação do D<sub>1</sub>, que, segundo Graziano da Silva (1998) seria o departamento produtor de bens de capitais e insumos para a agricultura: indústrias de tratores, implementos, defensivos, fertilizantes. Esta indústria deu sustento para a nova fase de desenvolvimento brasileiro, a integração indústria/agricultura, com a instalação dos CAIs. De acordo com o autor,

a reestruturação da economia agro-comercial para a agroindustrial se processou em duas etapas: a internalização das indústrias de máquinas e insumos para a agricultura e a constituição dos CAIs, Complexos Agroindustriais Brasileiros, levando a agricultura a uma crescente subordinação à dinâmica industrial, (Idem, 1998, pág 32).

Segundo Delgado (2001), este período constituiu-se, com muita clareza, na idade de ouro de desenvolvimento de uma agricultura capitalista em integração com a economia industrial e urbana e com o setor externo, sob forte mediação financeira do setor público. Foi instituída a abertura de créditos rurais através do SNCR, Sistema Nacional de Crédito Rural, em 1962, e a criação da EMBRAPA, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e do Abastecimento. Esta empresa, desde sua fundação, tem como objetivo viabilizar soluções para o desenvolvimento sustentável do agronegócio brasileiro através de pesquisas.

Como resultado do modelo adotado, houve aumento significativo nos indicadores técnicos de modernização agrícola, aumento e diversificação da produção e alteração no padrão técnico do setor rural. A implantação de políticas públicas para subsidiar a compra de tecnologias externas foi fundamental para o desenvolvimento do agronegócio. Porém, o abrigo das oligarquias rurais ligadas à grande propriedade territorial e ao capital comercial e apoio ao latifúndio através de estrutura física e financeira não possibilitou o rompimento da velha estrutura concentradora, ao contrário, reafirmou, consolidou e expandiu essas desigualdades.

O espaço geográfico dos cerrados tornou-se o centro de mudanças no modo de produção rural e transformou-se rapidamente pelas necessidades capitalistas, emergindo como *nova fronteira agrícola*, através de incentivos do Estado. As populações e comunidades rurais tiveram seu meio devastado, seus modos de vida e trabalho moldados para atender a uma dinâmica que se impõe e

devora as culturas e as tradições locais. A EMBRAPA, através de recursos do POLOCENTRO<sup>2</sup>, desenvolveu tecnologias que tornaram produtivo e rentável o cultivo das terras ácidas e pouco férteis da região dos cerrados, tais como: melhoramento genético das sementes, desenvolvimento de variedades de arroz, algodão, soja, café e milho adaptados à região e técnicas para adubação, manejo e correção do solo. O POLOCENTRO, criado em 1975, foi o programa de maior impacto direto sobre a agricultura no bioma cerrado, investindo em infra-estrutura e linhas de crédito fundiário subsidiado. De acordo com a Fundação André Tosello,

Foram beneficiados principalmente fazendeiros, proprietários de médio a grande estabelecimentos. No período entre 1975 e 1982, no qual o programa esteve em vigor, foram aprovados 3.373 projetos. Dos beneficiários, 81% operavam em fazendas com mais de 200 hectares, absorvendo 88% do volume total de crédito, (2003: 2).

Teve grande destaque também para o desenvolvimento da agricultura no cerrado o Programa Cooperativo Nipo-Brasileiro para o Desenvolvimento do Cerrado, PRODECER<sup>3</sup>, implementado a partir de 1979. Em Minas Gerais sua área de atuação teve início em municípios do Noroeste, sendo estendido depois para outras áreas do Oeste e Triângulo Mineiro. Os municípios tiveram sua economia dinamizada e se fortaleceram economicamente, apesar das contradições conseqüentes deste modo de produção: o aumento das desigualdades sociais, através da concentração fundiária, a supressão do campesinato e a utilização da mão-de-obra do trabalhador volante, o “bóia-fria”, além da intensa degradação ambiental, através da retirada da vegetação nativa, da utilização de agrotóxicos, do assoreamento dos rios e nascentes e do desabrigo da avifauna.

Portanto, observa-se que os instrumentos utilizados pelo Estado para o desenvolvimento da agricultura e sua integração, via subordinação, ao setor secundário e ao capital foram altamente seletivos e excludentes. O pequeno produtor e os segmentos do capital agrário vinculados à exploração extensiva da terra não tiveram acesso aos créditos e subsídios governamentais, que passaram a ser direcionados para os setores altamente tecnificados da agricultura moderna.

O Norte de Minas Gerais, apesar de ter parte de sua área no bioma cerrado, apresenta grandes contrastes naturais e sociais semelhantes aos da Região Nordeste, portanto, para fins de planejamento, foi inserido na região Nordeste. A denominada RMNe, Região Mineira do Nordeste, foi assistida por políticas públicas gerenciadas pela SUDENE, Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste, criada em 1959. Esta superintendência conduziu todo o processo de ocupação e exploração desta região, priorizando a implantação de pólos e distritos industriais, projetos de irrigação para a modernização da agricultura, e, principalmente na década do “milagre brasileiro”, da instalação de empresas de carvoejamento e reflorestadoras com o objetivo de fornecer energia para as indústrias de base do Sudeste. O município de Buritizeiro, como outros municípios do Norte de Minas, obteve incentivos para a implantação de carvoarias e reflorestadoras para atender à demanda

---

<sup>2</sup> Programa de Desenvolvimento do Cerrado, que tinha por finalidade promover o desenvolvimento e a modernização das atividades agropecuárias da região Centro-Oeste e do oeste de Minas Gerais.

<sup>3</sup> O PRODECER é um programa administrativo de direito privado, dirigido conjuntamente por executivos brasileiros e japoneses e tem como instrumento de atuação o crédito supervisionado para empreendimentos fundiários, possibilitando a implementação de programas de assentamento dirigido. Seu objetivo é estimular e desenvolver a implantação de uma agricultura moderna, eficiente e empresarial, de médio porte, na região de cerrados.

industrial. O município teve grande parte de seu território desmatado para abrigar esta nova forma de exploração capitalista. Nesse processo, expressiva parcela de camponeses que habitavam áreas rurais, foram expulsos de suas terras, uma vez que ocupavam áreas devolutas disponibilizadas / vendidas pelo Estado para o fomento da apropriação pelos grupos empresariais, através da compra subsidiada pelo Banco do Nordeste, o que comprova a política concentradora do Estado.

Os lugares de vida da população rural do município de Buritizeiro se transformaram em espaços de reprodução do capital, onde havia dezenas de famílias que viviam e se sustentavam através das práticas camponesas foram substituídas pelo machado, pelo trator, pelos fornos de carvão e pelas florestas de eucaliptos.

### **3- BURITIZEIRO-MG, TERRA DOS ANTIGOS CAIAPÓ, DOS BITACAS, DOS CARROS-DE-BOI, DOS TROPEIROS E DOS MUITOS NOMES**

Nome de lugar onde alguém já nasceu, devia de estar sagrado. Lá como quem diz: então alguém havia de renegar o nome de Belém - de Nosso-Senhor-Jesus-Cristo no presépio, com Nossa Senhora e São José? Precisava de se ter mais travação, Guimarães Rosa (1986, p. 32).

O município de Buritizeiro apresenta vegetação predominantemente de cerrado e localiza-se no Norte de Minas Gerais. Em extensão territorial, é o 5º maior município de Minas Gerais, com área total de 7.255,6 km<sup>2</sup>.

No século XVII, o bandeirante Manoel Francisco Toledo conquistou a Tribo Caiapó, habitante da margem esquerda do Rio São Francisco, e batizou aquela área de São Romão. Santo Antônio da Manga, São Gonçalo das Tabocas, Santo Antônio das Tabocas e Pirapora d'Além São Francisco foram os outros nomes que o vilarejo possuiu. Em 1861, o distrito passou a se chamar São Francisco de Pirapora, e em 1923, finalmente, seu nome foi definitivamente substituído por "Buritizeiro", nome vinculado à planta característica das veredas: o buriti.

Os primeiros habitantes do município, após a expulsão dos índios Caiapó, foram atraídos pela possibilidade de desenvolverem atividades agrícolas, portanto, o município constituiu-se com vocação para atividades agrárias. Em 1960, 72% da população do município vivia em áreas rurais.

Em 1972, subsidiadas pelas políticas da SUDENE, grandes grupos de empresas de carvoejamento se instalaram no município, entre eles, as siderúrgicas, para abastecer suas necessidades de energia. As práticas de reflorestamento e de carvoejamento ocasionaram a perda da vegetação nativa de Buritizeiro, devido ao grande desmatamento de áreas de cerrados para o carvoejamento e para a implantação de florestas homogêneas de *eucaliptos* e *pinus*, fato este que ocorreu em grande parte da região de cerrado em Minas Gerais.

O ato de implantar monoculturas de eucalipto, com o eufemismo de "reflorestar em benefício do progresso"; adquiriram por preços irrisórios, grandes extensões rurais de terras em Buritizeiro, transformando-as no maior maciço verticalizado reflorestado com pinus e eucaliptos do Estado, (GONTIJO, 1999. in BAGGIO, 2003, p. 42).

Vários fatores contribuíram para a devastação dos cerrados de Buritizeiro: grande extensão territorial, terras baratas (grande parte devolutas), e solo até então tidos como impróprios para a agricultura. Os cerrados foram consumidos nos fornos de carvão e sua biodiversidade foi substituída pela paisagem

monótona de milhares de árvores enfileiradas e sem capacidade para abrigar a vida animal que anteriormente existia.

#### 4- OS ESPAÇOS DE VIVÊNCIAS E DE TRANSFORMAÇÕES NO ENTORNO DO RIO FORMOSO

*O vaqueiro Doím:* Por isso, que digo, que ele vai vender o que tem, tudo.

*O vaqueiro Fidélis:* O Urubuquaquá? As terras?

*O vaqueiro Sacramento:* Pode, por ele não ser daqui. Não tem amor. Terras em mão dele são perdidas..., Guimarães Rosa (2001b, p. 119).

O Rio Formoso localiza-se no noroeste do município de Buritizeiro, percorre aproximadamente 90 quilômetros antes de desaguar no Rio São Francisco. Sua bacia começou a ser ocupada por tropeiros e famílias vindos de outras áreas dos Gerais, os *geralistas*<sup>1</sup>, a partir do início do século XX, quando foram se constituindo pequenas comunidades rurais. Na década de 1970, como ocorreu no restante do município, empresas de carvoejamento e reflorestamento começaram a se instalar, determinando importantes transformações sócio-ambientais, que continuam a ocorrer com grande celeridade devido à implantação da agricultura comercial irrigada a partir da segunda metade da década de 1990.

Com a necessidade de encontrar novas áreas para sediar a expansão da agricultura em grande escala, as agroindústrias que se instalaram nos cerrados de São Paulo, no Noroeste e Triângulo Mineiro por volta de 1970, alcançaram Buritizeiro, que começou a abrigar essas empresas nas cabeceiras do rio Formoso. Estas empresas instalaram-se no município seduzidas pelos baixos preços das terras, pela riqueza hídrica e pela facilidade de acesso à região e cultivam prioritariamente soja, café e algodão. Elas utilizam em larga escala a irrigação e a mecanização, absorvendo pouca mão-de-obra constituída por trabalhadores que se deslocam todo o dia do meio urbano para o rural.

A cafeicultura desenvolvida nas regiões do cerrado é fruto de tecnologia, traduzida em alta produtividade e qualidade e é um dos mais importantes resultados da pesquisa agrícola em Minas Gerais. (...) em 1974, a área cultivada de soja era de 47,8 mil hectares, produzindo 47,6 mil toneladas. Hoje, a área de cultivo é de 576 mil hectares e a produção é de 1 milhão e 340 mil toneladas. Sem o forte aporte tecnológico os avanços teriam sido bem mais modestos, Cançado Jr. (2003, p. 34).

As safras colhidas no município fazem parte da cadeia de produção descentralizada das agroindústrias. A estas empresas não interessa expandir sua indústria, mas sim sua produção industrial. Os grãos produzidos nas cabeceiras do rio Formoso têm esta função. Neste contexto, Buritizeiro serve apenas como espaço agrícola. Depois de colhidos os grãos são transportados para as cidades matrizes das agroindustriais para beneficiamento e/ou comercialização.

Tendo como respaldo legal a isenção do recolhimento do ICMS - que permite ao produtor rural transitar livremente com seu produto dentro do estado de origem sem a emissão de notas fiscais de saída das safras -, fato esse denominado como *passeio de safras* por Graziano da Silva (1998), as empresas enviam a colheita para o local onde haverá a transação comercial, como mostra a Figura 1. No ato da venda o recolhimento do imposto é efetuado favorecendo o município onde ocorreu a

---

<sup>1</sup> *Geralista e veredeiro* são termos que este trabalho utiliza, retirados da obra de Guimarães Rosa, que os explica em suas cartas para Bizzarri, publicadas no livro *Correspondências com o Tradutor Italiano*: “Em geral, os moradores dos “gerais” ocupam as veredas, onde podem plantar roça e criar bois. São os *veredeiros*. Outros, moram mesmo no alto das *chapadas*, perto das veredinhas ou veredas altas, (...). Mas o nome *geralista* abrange, igualmente, a todos: os *veredeiros* e os *geralistas* propriamente ditos”, (1981, p. 23.).

comercialização, o que determina o desvio da parcela do ICMS que deveria ser remetida pela União ao município de origem da safra e é enviado ao que efetua a transação comercial.



FIGURA 1: transporte de safra de soja com destino para o município de Uberlândia<sup>2</sup>.  
FONTE: Fotografia da autora: 2005

Portanto, o entorno do rio Formoso está se tornando uma *nova fronteira agrícola* dentro do espaço considerado como fronteira agrícola nacional: os cerrados. O município insere-se desta forma na dinâmica modernizadora de forma incompleta: não há integração agricultura/indústria e o setor primário absorve pouca mão-de-obra por ser altamente tecnificado. Assim como ocorre em todos os lugares por onde expande, a exploração capitalista é inevitável.

De acordo com depoimentos de antigos moradores, na década de 1970 havia mais de oitenta famílias de agricultores familiares que viviam em terras devolutas no entorno do rio Formoso. Estas famílias foram expulsas das terras por meio de ameaças e tiveram que abandonar suas casas e plantações e migraram para outras terras ou para a periferia do município. Pierre George (1969), analisa que a concentração das terras e a mecanização da agricultura forçam o deslocamento constante para as cidades de novas levas de elementos rurais desempregados, onde,

a procura do trabalho é o primeiro motor responsável pelos deslocamentos periódicos ou definitivos: a migração em direção aos locais de emprego, migração temporária, individual ou familiar, migração sem esperança ou sem intenção de retorno. (...) a sobrevivência é o vetor da partida, (...), Pierre George (idem, 1969, p.156).

Como consequência, a migração e a proletarização do camponês e a ascensão da categoria do trabalhador volante, o “bóia-fria”, como mostra a Figura 2.

---

<sup>2</sup> Safra oriunda da bacia do rio Formoso. O Motorista se negou a informar o nome da fazenda em que recolheu a safra, no total, foram avistados cinco caminhões, .



FIGURA 2- Monocultura, pivô-central e trabalhadores rurais: hora de almoço.  
FONTE: Fotografia da autora, Fazenda Adiflor, 2005.

Atualmente, permanecem as atividades voltadas para a agricultura familiar na comunidade de Capão Celado, localizada próximo à nascente do Rio. Capão Celado é constituída por cerca de 20 famílias, ramificação de uma única árvore genealógica que conseguiu permanecer. Estas famílias exercem atividades sustentáveis como: produção de alimentos e medicamentos originados de frutos e plantas do cerrado, plantio de alimentos de subsistência e pequena criação de animais. É assistida por uma ONG, em relação à organização cooperativa, a produção e a comercialização dos produtos e a preservação dos recursos naturais. O GRAAL - Movimento Internacional de Mulheres, desenvolve trabalhos junto às mulheres sertanejas, para a produção de alimentos com produtos do cerrado: bombons, licores, rocamboles, doces e bolos diversos feitos de pequi, jatobá, murici e outros.

Resistentes, estes moradores estão sendo gradativamente rodeados pelas grandes lavouras que se instalaram nos arredores e que têm aumentado os desequilíbrios ambientais, utilizando de forma predatória os recursos naturais - a água, o solo e a vegetação -, gerando o desequilíbrio do meio e exaurindo o sustento das comunidades devido à ameaça da sustentabilidade do trabalho comunitário de coleta de frutos do cerrado para a produção dos alimentos. Esta dinâmica reflete as diferentes percepções sobre o *habitar o lugar* entre os diferentes sujeitos que compõem a população do Formoso: os “ficantes” e os “chegantes”<sup>3</sup>.

#### 4.1- As esferas das trocas

A partir das transformações provocadas pelo estabelecimento de novos modelos de produção e trabalho - a economia de mercado -, no entorno do Rio Formoso, os modos de vida e a organização do trabalho se transformaram, e com eles, a forma como se dão as relações entre o homem e o seu *lugar* ou o homem e o *espaço*. Yi-Fu Tuan assim define essas duas categorias geográficas:

Espaços são forças de ambientes terrestres passíveis de serem transformados em lugar mediante o trabalho do homem de uso, ocupação e significação social, isto é, os espaços que vão sendo ocupados por um grupo social são decodificados e recebem qualificadores e significados advindos da cultura, Tuan (1983, p.142).

<sup>3</sup> As categorias “ficantes” e “chegantes” são discutidas por Brandão (1995) e no Quadro 1, subtítulo 3.1.

Muitos moradores das comunidades rurais migraram para a cidade, outros foram trabalhar nas carvoarias e outros ficaram. Este feixe de relações se reflete nas transformações dos múltiplos olhares transvertidos de particularidade, ratificando a mobilidade dos significados das categorias geográficas *lugar* e *espaço*, a partir das relações que se estabelecem entre o homem e o homem e entre o homem e o meio. Denuncia também, o surgimento de uma outra categoria, o *território*, que se impõe pela introdução de novos modos de produção. Raffestin (1993), explica o território como:

o fruto do espaço, ou seja, gerado a partir do espaço, “como resultado duma ação conduzida por um ator sintagmático (ator realizando um programa) seja a que nível for. Apropriando-se concretamente ou abstratamente de um espaço, o ator ‘territorializa’ o espaço, (apud CAVALCANTI, 1998, p.108).

Estas diferentes categorias geográficas ostentam categorias sociais que se estabelecem pelas relações de trabalho e de vida. Brandão (1995), os nomeia como “esferas das trocas”, divididas em três círculos que se aproximam de acordo com a ligação que as pessoas têm com a terra, daqueles que a possuem e daqueles que a cultivam:

No primeiro círculo convivem tipos de pessoas que entre si estabelecem relações de parentesco, de vizinhança, de vínculo - profissional, religioso, lúdico e outros - ou pelo de um sentimento de compartilharem um mesmo mundo de vida e trabalho. No segundo círculo estão os sujeitos que traçam a fronteira entre o mundo do “lugar” e o mundo “de fora”. Em um terceiro círculo estão aqueles a quem a posse de terras ou o interesse de negócios com os produtos da terra ligam à região. Distantes porque “não são daqui” e “não vivem aqui”, são ainda mais distantes porque provêm de esferas de poder, de riqueza e de *ethos* que transitam entre estranhos e hostis aos seus equivalentes locais, Brandão (1995, p. 107/8).

Seriam as diferenças do viver **o**, **no** e **do** entorno do Rio Formoso. O Quadro 1, demonstra como ocorrem essas transformações e através de quais atores elas se constituem:

**QUADRO 1**  
 LUGARES, ESPAÇOS E TERRITÓRIOS:  
 MODOS DE VIDA E TRABALHO NO ENTORNO DO RIO FORMOSO<sup>4</sup>

<b>Categorias</b>	<b>Viver O entorno do Rio Antes da dec. 70</b>	<b>Viver NO entorno do Rio Entre as dec. 70 e 90</b>	<b>Viver DO entorno do Rio 1990 a atual</b>
Personagens	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Campesinos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Campesinos</li> <li>▪ Reflorestadoras</li> <li>▪ Trab. Assalariados</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Campesinos</li> <li>▪ Reflorestadoras</li> <li>▪ Trab. assalariados</li> <li>▪ Agroindústria</li> <li>▪ Bóias-frias</li> </ul>
Modos de vida	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Lugar de vida e trabalho</li> <li>▪ Lugar de alimento e abrigo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Lugar de vida e trabalho</li> <li>▪ Espaço de trabalho</li> <li>▪ Espaço de negócio</li> <li>▪ Espaço de acumulação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Lugar de vida e trabalho</li> <li>▪ Espaço de trabalho</li> <li>▪ Espaço de negócio</li> <li>▪ Espaço de acumulação</li> </ul>
Modos de produção	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Reprodução da vida</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Reprodução da vida</li> <li>▪ Acumulação de bens</li> <li>▪ Mercado interno</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Reprodução da vida</li> <li>▪ Reprodução do capital</li> <li>▪ Mercado interno</li> <li>▪ Mercado externo</li> </ul>
Natureza	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Valor de uso</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Valor de uso</li> <li>▪ Valor de troca</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Valor de troca</li> <li>▪ Adaptação de sementes</li> <li>▪ Const. artificial do solo</li> </ul>

FONTE: Quadro elaborado pela autora, 2004.

Estes são os principais personagens que compõem o cenário do Formoso: a) os Camponeses: percebem o Formoso seu *lugar*, o espaço do vivido e do experienciado. São os integrantes das

<sup>4</sup> O quadro apresentado foi elaborado a partir de notas de aula do Prof. Dr. Carlos R. Brandão, sobre o livro “A Ferro e Fogo”, de Warren Dean, na disciplina: Natureza e Organização do Espaço Rural, Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, em 2004



comunidades tradicionais que vivem na bacia do Formoso; b) os “chegantes”, os trabalhadores assalariados: a bacia do Formoso representa um *espaço* que pode ou não transformar em lugares, o que define isso são as relações que se estabelecem entre ele e os outros e entre ele e o meio e; c) os “de fora”, os empresários, os negociantes, os administradores: o formoso representa o espaço de trabalho, de produção e de lucro, o *território*.

## 5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mas me persegue a idéia de que o camponês tradicional vive - mesmo quando não confesse - uma difícil divisão visível demais para não ser sentida e partilhada. O que foram os seus ancestrais e ele é, acaba nele; acaba-se com ele, Brandão (1995).

Buritizeiro é um município localizado no interior do país, no sertão Norte-Mineiro, área distante dos grandes centros comerciais e das tradições históricas do Brasil. Esta distância leva-nos a crer que as transformações sociais e econômicas externas não alcançam o município. Ao analisarmos sua história, percebemos o engano. Fomos sim afetados pelos resultados dos processos históricos de desenvolvimento econômico e da ascensão do conhecimento científico. A natureza foi transformada em objeto de consumo e o homem em ferramenta de trabalho.

A expansão capitalista e a *modernização* do e no campo transformaram profundamente as vidas das pessoas, esta transformação se manifesta através do desenraizamento cultural e da perda da identidade local: o estranhamento. As comunidades rurais, os habitantes do entorno do Formoso constituíram suas tradições, seus modos de vida ligados à terra: é ela seu sustento é ela que lhe dá abrigo e fornece comida, é ela que distribui seu solo para arar e colher, é ela que lhe oferta água. As empresas que lá chegaram e tomaram seus lugares, os transformaram em paisagens monótonas de florestas homogêneas e de monoculturas, sintetizando a perda da pluralidade de vidas e estabelecendo a singularidade do lucro. Aos deserdados da terra, restou as periferias da cidade: espaços abertos pelos novos desbravadores urbanos.

A história segue seu curso, ao futuro: indagações! Formoso, nesse espaço uma pequena biografia do Brasil foi retratada e é revelada pelas cicatrizes da paisagem e dos seres que o habitaram e por aqueles que ainda o habitam, “O senhor vá lá, verá. Os lugares sempre estão aí em si, para confirmar”, Guimarães Rosa (1986 p. 19).

Na Bacia do Rio Formoso, como em todo o Município, a carência social é muito grande. De acordo com o IBGE, Censo 2000, apenas 15,83% da população de Buritizeiro reside em área rural, o que evidencia a grande quantidade de trabalhadores volantes, já que a maioria da oferta de trabalho está nas monoculturas, nos reflorestamentos e nas carvoarias, este último geralmente é composto por famílias que trabalham e vivem nas imediações das baterias de carvão, em barracos improvisados, numa subvida cotidiana.

Como descrito no item 3, algumas atividades solidárias de geração de renda já estão sendo desenvolvidas com os moradores tradicionais da Bacia do Formoso, através do projeto “*Chico Fulo*”, de culinária e artesanato com produtos do cerrado. Mas não é o suficiente. Quelemém, personagem de Guimarães Rosa, diz que “\_a colheita é comum, mas o capinar é sozinho”, (1986, p. 46). Numa livre interpretação, podemos dizer que estamos nos conscientizando da necessidade urgente do

arrefecimento da *capina*, concretamente, devemos fortalecer redes e cooperativas comunitárias, para que possamos num futuro não muito distante, começar a colher.

Um dos caminhos apontados para o desenvolvimento social do município seria o desenvolvimento do seu potencial turístico ligado ao turismo rural. As belezas cênicas e os acidentes geográficos do município são propícios ao esporte radical. Os habitantes das comunidades rurais (em Buritizeiro existem outras comunidades além de Capão Celado), permanecem com as características camponesas de acolhimento e dedicação às práticas cotidianas de trabalho de “roça”: plantam, criam e cuidam de quase tudo o que necessitam para a sobrevivência. As manifestações culturais devem ser incentivadas e resgatadas, para que assegurem o afeto de seu povo pelo *lugar* que *habita*. São tradições preservadas de modos de vida e trabalho: remédios caseiros, rezas, festas, partilha do trabalho que podem conservar-se através de políticas públicas que os alcancem e assegurem sua permanência no campo, produzindo e vivendo dos conhecimentos que possuem: licores, bombons, remédios, entre vários produtos e possibilidades que as plantas do cerrado oferecem.

## 6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, Ronaldo Conde. **Abrindo o Pacote Tecnológico: Estado e pesquisa agropecuária no Brasil**. São Paulo: Polis (Brasília): CNPq, 1986.
- BAGGIO, Hernando. O Município de Buritizeiro e a Questão do *Pinus* e *Eucalipto*: implicações de seu plantio homogêneo generalizado no meio ambiente físico, biológico e socioeconômico. In: RODRIGUES, Luciene; MAIA, Cláudia (org.). **Cerrado em Perspectiva(s)**. Montes Claros: Unimontes, 2003.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Partilha da Vida**. São Paulo: Cabral, 1995.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos**. São Paulo: Papyrus, 1998.
- DEAN, Warren. **A Ferro e Fogo.: a história e a devastação da Mata Atlântica Brasileira**. Trad. Cid Knipel Moreira. 5ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 2004.
- Fundação André Tosello. Disponível em <http://www.fat.org.br/> acesso em 22/04/2003.
- GEORGE, Pierre. **Sociologia e Geografia**. Trad. Sérgio Miceli. São Paulo: Forense, 1969.
- GUIMARÃES ROSA, João. **Correspondências com o Tradutor Italiano**. ed. limitada. São Paulo: Instituto Cultural Ítalo Brasileiro, 1981.
- \_\_\_\_\_ **Grande Sertão: Veredas**. 33ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- \_\_\_\_\_ **No Urubuquaquá, no Pinhem (Corpo de Baile)**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- GRAZIANO DA SILVA, José. **A Nova Dinâmica da Agricultura Brasileira**. 2ª ed. Campinas: Unicamp, 1998.
- MARX, Karl. O Capital. In: **Metamorfose do Sobre-Lucro em Renda Fundiária**. São Paulo: Abril Cultural, 1984. V3, Tomo 2. (Coleção Os Economistas).
- RODRIGUES, Luciene. Capitalismo monopolista, Estado e agricultura. In: OLIVEIRA, marcos Fábio de; RODRIGUES, Luciene (org.). **Capitalismo da gênese à crise atual**. Montes Claros: Unimontes, 1999. p.51-92.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Trad. Livia de Oliveira, São Paulo: DIFEL, 1983.